

PROCESSOS CONSTANTES, RESULTADOS INACABADOS: comunicação e cultura no jogo das formações identitárias

SOUZA, Gustavo

Doutorando em Ciências da Comunicação pela ECA/USP;
Mestre em Comunicação e Cultura pela ECO/UFRJ;
Formado em Comunicação Social/Jornalismo pela UFPE
gustavo03@uol.com.br

RESUMO

Este trabalho quer investigar de que forma a cultura e os processos comunicacionais interferem na formação de identidades culturais. Partimos do pressuposto de que as implicações relativas ao que conhecemos como **local** e **global** são importantes para compreensão de tal processo, mas não se apresentam como fator único. Para além desse aspecto, é preciso reconhecer o papel da globalização nesse cenário e, em especial, os seus desdobramentos no campo da cultura e da comunicação, que vão interferir diretamente na constituição de identidades cada vez mais fluidas num permanente processo de construção.

Palavras-chave: Comunicação. Cultura. Identidade.

1 INTRODUÇÃO

Quando os primeiros estudos sobre o fenômeno da **comunicação** começaram a surgir, em meados da década de 1920 nos Estados Unidos, predominava o interesse em verificar as implicações ou os efeitos de mensagens sobre as pessoas que a elas estavam submetidas. Esse primeiro propósito investigativo ficou conhecido como Teoria Hipodérmica. Posteriormente, a partir da década de 1940, as pesquisas norte-americanas elaboram novas conceituações, resultantes da superação do modelo hipodérmico, cujo epicentro dos estudos são as capacidades de **influência** e **persuasão** dos meios de comunicação. Tais teorias estavam preocupadas em estudar como a ideologia operava nos efeitos das mensagens². Paralelamente, a corrente semiótico-estrutural também se deteve nos processos comunicativos, porém concentrando seu foco na mensagem, tornando, por sua vez, as pesquisas dissociadas do contexto social.

Independentemente do recorte teórico ou do objeto de estudo, as teorias descritas acima cometeram um erro emblemático: enxergar a comunicação à luz das disciplinas e dos meios (MARTIN-BARBERO, 2001). Isso significa desprezar o contexto político-cultural à sua volta, reduzindo a problemática da comunicação ao surgimento de novos aparatos tecnológicos, o que resulta numa concepção instrumentalista dos meios. Assim, não se revela a densidade da cultura, muito menos sua capacidade de força motriz no campo social e comunicativo, que, por sua vez, interfere também nas formações de identidades culturais.

A limitação desses modelos, associado ao processo de globalização, com influência em diversos campos, inclusive o das tecnologias da comunicação - satélites, computadores, redes ópticas -, delineou novas abordagens para os estudos na área de comunicação. Tal processo alterou a relação entre nações, que assistem à implosão de suas fronteiras geográficas, econômicas e socioculturais, assim como a relação entre os indivíduos que dividem o mesmo espaço de uma nação. O avanço tecnológico, porém, não deve ser visto como o único agente catalisador de transformações sociais e

comunicacionais. Na concepção de Martin-Barbero (2001), ancorar os estudos da comunicação à “vertente tecnológica” reafirmaria a inserção ou a subordinação desse campo investigativo às disciplinas e aos meios já citados. Em contrapartida, o autor sugere que “[...] pensar os processos de comunicação [...], a partir da cultura, [...] significa romper com a segurança proporcionada pela redução da problemática da comunicação à das tecnologias” (MARTIN-BARBERO, 2001, p. 297). Nesse novo cenário, a cultura toma uma forma antes não vista, especialmente a cultura popular, que, nas articulações com a política, conhece um novo horizonte que tem se firmado para a política cultural e para a comunicação.

Esse novo redimensionamento do papel da cultura e dos meios de comunicação, atrelado à problemática das identidades culturais, constitui hoje o cerne de implicações apresentadas pelos Estudos Culturais, aspecto que pode ser observado nos escritos de Stuart Hall, Jesús Martin-Barbero e Néstor García Canclini. É com base nos matizes estabelecidos por eles que este trabalho encontra seu ponto de apoio. A partir desse referencial, pretendemos visualizar a importância da cultura³ e da comunicação na formação de identidades culturais em tempos de globalização. Daí é importante atentarmos para a relevância de contextos considerados como locais e globais, mas também tentar ir além dessas conceituações para perceber que a pluralidade de tais identidades - o que dificulta demarcações fixas - passa inevitavelmente pelas interferências dos meios de comunicação, que, como veremos, não descartou o peso e a importância da cultura para a difusão de sistemas de pensamento. Em outras palavras, o nosso objetivo é observar como a cultura e a comunicação estabelecem, interferem e recriam estilos e formas no contexto contemporâneo atual, evidenciando o quanto as identidades culturais se mostram cada vez mais plurais e multifacetadas.

2 NEGOCIAÇÕES NA PERIFERIA

Mais do que pensar em conceituações e categorizações que determinem o lugar do que chamamos/conhecemos como **centro** e **periferia**, o cerne do debate de hoje reporta-nos à reflexão sobre o trâmite de informações, conceitos e experiências entre esses dois espaços. O conflito e a pluralidade neles existentes promovem a articulação e o diálogo entre os mesmos, que, por conseguinte, apresentam novos elementos que passam a compor o cenário sociocultural da atualidade.

Nesse âmbito, pensar o papel que a periferia ocupou na História torna-se uma tarefa particularmente importante. Durante muito tempo, creditou-se às colônias o referencial de atraso e submissão. Países europeus (Portugal, Espanha, Reino Unido e França) trataram de dividir o mundo conforme suas necessidades e interesses. A

capacidade marítima e bélica de tais nações não só permitiu a conquista de territórios até então intocados, como lhes conferiu poder e *status* perante a Igreja e outros Estados. Dessa forma, passaram a ser vistas como o centro de onde partiam as decisões destinadas aos povos subjugados.

No entanto, essas regiões conquistadas, hoje ex-colônias, vêm contrariando as impressões já cristalizadas sobre a determinação de centros e periferias, por terem sido os primeiros territórios a vivenciar a globalização e a experiência pós-moderna (YÚDICE, 1991; FEATHERSTONE, 1997). Foram essas localidades, ao receber povos de diversas partes do globo que consigo trouxeram elementos da terra de origem - costumes, linguagem, religião -, que experimentaram o multiculturalismo e a fragmentação, o sincretismo e o pastiche associados à pós-modernidade. Sobre a questão, Mike Featherstone defende a idéia de que é preciso a definição de um conceito que não se detenha na passagem da modernidade para a pós-modernidade. A transição histórica deve ceder espaço a um olhar que “[...] focalize a dimensão espacial e o relacionamento geográfico entre o centro e a periferia, nos quais as primeiras sociedades multirraciais se encontravam na periferia, e não no centro”. (FEATHERSTONE, 1997, p. 164).

Dessa forma, o **lugar**, para além de suas fronteiras geográficas, é mais significativo do que o binarismo percebido entre o local e global. Esse lugar pode ser um continente, assim como cidades ou países que necessariamente não integrem o mesmo espaço geográfico. O que deve ser considerado é a capacidade de interconexão e articulação de saberes e experiências locais entre esses espaços. A aparente assimetria entre o local e o global leva-nos a pensar que o primeiro é regido por uma harmonia incapaz de desestabilizar a ordem dos fatos. Em relação ao segundo, crê-se ser esse o território onde toda a confluência é gerada, revelando-se como uma imagem prototípica de movimento e efervescência. Essa conceituação não dá conta, porém, de explicar que o local, por maior ou menor que seja, é um espaço onde fecundam diferenças e explicitações não-harmônicas. O global, por sua vez, até detém poder de influência, representado na figura dos grupos econômicos e das elites nacionais, acostumados a tomar decisões que interferem no destino da localidade, mas a relação entre os dois não é unilateral. Não é apenas o global que dita as regras para o local. A via, nesse caso, é de mão dupla, pois o global não está acima do local⁴.

É preciso ter em mente que o global, assim como o local, não pode ser entendido como um esquema tácito e unificado, pois a interpretação alternativa do lugar se constrói a partir de uma constelação particular de relações sociais, que se entrelaçam num *locus* particular. Embora o local remeta à necessidade de demarcações

de fronteiras, sejam elas palpáveis ou não, o que se nota hoje, com as negociações e as trocas existentes entre diversas regiões, é que no âmbito cultural torna-se cada vez mais perceptível o fluxo e o refluxo entre as culturas locais. Essa instância pode ser observada na música, no cinema, na literatura, nas artes plásticas. O sentido, como afirmado anteriormente, não se apresenta apenas por uma rota. Dessa forma, percebe-se a dificuldade em demarcar territórios fronteiriços entre as culturas locais e globais, uma vez que a apropriação e a transformação de referenciais de diversas partes do globo são marcadamente visíveis. É preciso, no entanto, estar atento a quem interessa a amplificação desse hibridismo, assim como sua contribuição ou subtração para aqueles que estão envolvidos de forma direta ou indireta com esse expoente.

O local, mesmo com a estruturação de fronteiras simbólicas e/ou imaginárias, também fornece segurança através das identidades nacionais, que se apresentam múltiplas e transponíveis. Diante do enfraquecimento dos valores nacionais, cada vez mais permeáveis e híbridos, a identidade nacional se configura como uma resposta ao desejo de fluidez e segurança que uma região, um lugar ou um território é capaz de proporcionar, pois como afirma Néstor García Canclini (1999, p.175), “as identidades são como processos de negociação”.

3 IDENTIDADES CULTURAIS EM TRÂNSITO

Já não é mais novidade constatar que globalização promove, ao mesmo tempo, união e separação entre indivíduos, assim como redimensiona o papel e a função do local e do global. O primeiro, em sua concepção territorial fixa, passa a ser visto como sinônimo de privação e limitação, enquanto o segundo ganha a notoriedade de expansão e liberdade. Diversos aspectos, bastante evidentes, contribuem para essa impressão: o desenvolvimento dos transportes e das telecomunicações; a mobilidade com que o capital transita entre os continentes, mudando de endereço conforme a rentabilidade que cada centro decisório é capaz de proporcionar; a intensificação e a massificação do turismo, etc. Corroborar tal consideração não constitui um equívoco, mas é preciso atentar que, para além da demarcação física concedida pelo local, os centros de produção de valores e significados transcendem a questão territorial. Livrar-se da responsabilidade que um **território** pode proporcionar é um desejo de muitos - indivíduos isolados ou empresas multinacionais -, mas, como observa Bauman (1995), para quem está inserido na lógica da globalização, o espaço e seus delimitadores perdem importância.

A discussão sobre o local e o global, em suas numerosas materializações - sociedade, economia, política - remete-nos também a pensar como a cultura e a

comunicação se comportam nesse cenário, isso é, quais os elementos constituidores de identidades nacionais e como os processos culturais e comunicacionais interferem na vida quotidiana. Essa questão revela que a globalização da cultura é um dispositivo mais apreensível do que a identificação de uma cultura global, embora a existência dessa última não deva ser negligenciada. Para isso, devemos considerar que os modelos de integração e desintegração cultural transcendem a demarcação imposta pelo Estado. A cultura global, pois, não pode ser entendida como a cultura de um Estado-Nação (FEATHERSTONE, 1995).

Esse processo de transnacionalização cultural desemboca inevitavelmente na (des)construção das identidades nacionais e culturais, as quais, na contemporaneidade, sofrem significativas mutações devido à globalização que, como vimos, não deixou de fora a cultura.

Durante séculos, nações subjugaram outros povos através da força militar ou da dependência econômica. Tomados pelo ímpeto de ampliação de poder, que se concretizava na conquista de territórios, muitos países, principalmente europeus, impuseram padrões culturais, estilos de vida e de comportamento aos **nativos**, como se os mesmos já não tivessem constituído a malha de arquétipos e valorações próprias. A imposição cultural, para além da dominação pela força, resulta em prejuízos mais graves perceptíveis a longo prazo, pois interfere na constituição dos sujeitos sociais. Em outras palavras, a cultura pode funcionar como um veículo de imposição ditatorial que, por sua vez, influencia ou interfere na formação identitária. Portanto, a demarcação cultural talvez se apresente como mais significativa e transformadora no que diz respeito ao processo de formação de um povo.

Se a cultura nacional lança mão de símbolos e referências que permitem a identificação entre os indivíduos de uma região, com o intuito de promover a coesão entre seus membros, é necessário destacar que tal intenção nem sempre se mostra eficaz. Representar a identidade de um povo, considerando todo o arsenal de diferenças que o constitui - gênero, raça, classe, etnia -, através de elementos unitários agrupados pela identidade nacional, pode solapar tais diferenças, pois, nas considerações de Stuart Hall (2001, p.59), “uma cultura nacional nunca foi um simples ponto de lealdade, união e identificação simbólica. Ela é também uma estrutura de poder cultural”.

São vários os motivos que justificam essa consideração. Grande parte das nações conquistadas experimentou a unificação pela força, tendo que dividir o mesmo espaço, língua e costumes com indivíduos de diferentes identidades (o caso do continente africano, sob esse prisma, torna-se bastante representativo). Além da

submissão forçada, muitas nações, antes mesmo de serem invadidas por conquistadores, já vivenciavam diferentes composições de classe, etnia e relações de gênero. Com a conquista desses territórios, nota-se a reordenação da posição dos sujeitos na sociedade, bem como dos cânones que constituem sua identidade cultural.

Stuart Hall defende a idéia de que é mais relevante enxergar as culturas nacionais como constitutivas de um **dispositivo discursivo** do que considerá-las como agentes de unificação. Para justificar o argumento, o autor cita o caso da Europa Ocidental, constatando que não há uma nação sequer daquela região que seja composta por um único povo. Embora ateste o quão tentador pode ser o termo **etnia** - por englobar língua, religião, costumes e tradições - para designar a capacidade de união de uma cultura nacional, ele conclui que “[...] as nações modernas são, todas, híbridos culturais” (2001, p. 62).

O agente norteador mais significativo desse hibridismo é o processo de globalização. Esse fenômeno interfere não somente na formação das identidades das nações, como também das identidades dos sujeitos que nelas estão inseridos. Esse indivíduo, com seu processo identitário cada vez mais fragmentado, tanto no que se refere a seu lugar no mundo social e cultural, quanto com relação a si mesmo, é denominado por Hall como **sujeito pós-moderno**. Em contraposição ao sujeito moderno, guiado pela racionalidade, o sujeito pós-moderno assume diversas identidades próprias em momentos também diferentes. Os fatores que determinam tal acontecimento são justificados pelo autor a partir das considerações de Marx, Freud, Saussure, Foucault e do pensamento feminista, as quais abalaram as teorias sociais e as ciências humanas nos séculos XIX e XX. Essas tradições teóricas distintas questionaram os ícones do pensamento iluminista - que considerava o homem como centro das transformações sociais, econômicas e políticas.

Outro aspecto-chave decorrente do processo de globalização que tem influência direta na constituição das identidades é a diversidade dos repertórios culturais de uma região e a posição ocupada pelos meios de comunicação, o que vem reafirmar a consideração de Néstor García Canclini, destacada acima, sobre os processos de negociação que envolvem as identidades culturais. Em relação ao primeiro aspecto, o pesquisador ressalta que os efeitos da globalização em comunidades isoladas não se configuram de forma tão devastadora. No entanto, ao discorrer sobre o segundo circuito - os meios de comunicação -, afirma que, em nações que não dispõem de recursos e dispositivos próprios para continuar gerando uma certa autonomia na produção cultural nacional, os impactos da transnacionalização tornam-se evidentes e, ainda, nocivos, pois geram o enfraquecimento das identidades nacionais. Esse fato é

facilmente perceptível em países do terceiro mundo, em especial nas localidades onde a cultura popular é um aspecto cardeal para a formação das identidades culturais. Dessa forma, ao estudar-se o modo como as relações entre sistemas locais e globais são construídas, deve-se levar em consideração que “a identidade é uma construção, mas o relato artístico, folclórico e comunicacional que a constitui se realiza e se transforma em relação a condições sócio-históricas não redutíveis à encenação. A identidade é teatro e é política, é representação e ação” (CANCLINI, 1999, p.175-176).

Tais condições históricas e sociais determinam parâmetros para a constituição das identidades, bem como concedem todo o arsenal necessário para a discussão teórica sobre essa temática. Contudo, o processo de formação identitária não pode ser visto sob o prisma de sistemas conceituais fechados ou, como diria Jean-François Lyotard (2002), a partir das metanarrativas, ou seja, pressupostos teóricos absolutos, como o marxista e o freudiano, por exemplo, que na pós-modernidade não encontram vigas capazes de sustentá-los, pois é essa uma época em que predominam os jogos de linguagem heterogêneos e a pulverização dos sistemas de pensamento racionais. Outro aspecto importante nesse contexto é a articulação entre a política e as identidades, principalmente as evidentes dificuldades e instabilidades que afetam todas as formas contemporâneas da chamada **política de identidade**.

Toda essa confluência remete a uma nova forma de enxergar os sujeitos sociais, que, em suas relações com as práticas discursivas assinaladas anteriormente, redimensionam o seu papel no contexto social. Apesar da dificuldade latente que paira sobre a conceituação da identificação, pode-se afirmar que ela se constrói a partir da origem comum e de práticas compartilhadas entre pessoas ou grupos. A partir dessa abordagem discursiva, podemos considerar que a identificação é um processo em constante formação, em que circulam práticas e posições que podem se apresentar divergentes e conflitantes. Justamente por estarem inseridas dentro de processos discursivos, elas se configuram muito mais “[...] como produto da demarcação de diferenças e da exclusão do que como o signo de uma identidade idêntica” (HALL, 2000, p.109). Tal posicionamento vai ao encontro das considerações de Michel Foucault, quando define que, em todas as sociedades, os discursos são construídos, controlados e organizados por procedimentos que visam a mensurar e a podar, quando necessário for, a sua dimensão⁵. Logo, para o autor, o aspecto mais importante para a conceituação das identidades reside na articulação entre os sujeitos e as práticas discursivas.

4 CONCLUSÃO

Estamos acostumados a enxergar a mutabilidade conferida às identidades nacionais e culturais como resultantes de macroprocessos, entre eles, o da globalização. É importante considerar sua importância, mas sem perder de vista questões de **menor** porte que, mesmo surgidas a reboque da transnacionalização do capital, têm um papel decisivo para a estruturação dessas identidades. Até porque as demarcações dos territórios considerados como **locais** e **globais** são bastante relativas. Se as produções culturais européia e norte-americana são vistas como globais perante o resto do mundo, essas representações advindas dos países do Norte, nessa acepção, não teriam uma cultura local, mas apenas global. E, como se sabe, só para nos determos no caso europeu, há uma imensa variedade de culturas locais naquele continente. Por essa razão, os responsáveis pela produção cultural e artística dos **países da margem** desempenham um papel crucial para a elaboração do cânone local, sendo capazes de influenciar ou de estabelecer processos intertextuais entre diversas partes do planeta. Dessa maneira, o hibridismo que prevalece na cultura contemporânea torna cada vez mais frágil o engessamento que molda as conceituações de uma cultura exclusiva do **primeiro mundo** e do **terceiro mundo**.

Em segunda instância, é importante perceber que o resultado das **negociações** destacadas no início deste trabalho nos remete também para o âmbito da cultura e da comunicação, ou seja, evidencia o surgimento de novas identidades culturais. Identidades constituídas por processos de diáspora e reapropriação. Esse trânsito de referências culturais e comunicacionais entre setores diversos permite-nos enxergar o contexto sociocultural para além da divisão de classes. Desse ponto de vista, é de extrema importância ressaltar o papel que a cultura exerce, deixando de ser uma entidade meramente contemplável, para tornar-se uma arena onde existem lutas, diferenças e trocas simbólicas. Ainda vivemos sob a égide do campo econômico, obviamente, mas ele, sozinho, não dá mais conta de explicar certos fenômenos da contemporaneidade. Assim, é possível reafirmar que a divisão de classes, apresentada pelo marxismo ortodoxo como um dispositivo central para entendermos os procedimentos sociais, precisa ser atualizada.

ABSTRACT

This text intends to investigate how culture and communication processes interfere in the formation of cultural identities. We start from the assumption that the relative implication to what we know as *local* and *global* are important to understand such process, but are not presented like unique factor. Beyond this aspect, it's necessary to recognize the character of globalization in this scenario,

specially its unfolding in the field of the culture and communication, which will directly interfere in the constitution of identities, even more fluid and into a constant construction process.

Keywords: Communication. Culture. Identity.

RESUMEN

Este trabajo investiga de que manera la cultura y los procesos comunicacionales intervienen en la formación de identidades culturales. Partimos de que las implicaciones relativas al que conocemos por *local* y *global* son importantes para la comprensión de tal proceso, pero no se presentan como único fator. Más allá de este aspecto, es necesario reconocer el papel de la globalización en este escenario y, en especial, sus desdoblamientos en el campo de la cultura y de la comunicación, que van a interferir directamente en la constitución de identidades cada vez más fluidas en un permanente proceso de construcción.

Palabras claves: Comucación. Cultura. Identidade.

REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Zygmunt. **Globalização: as conseqüências humanas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.
- ESCOSTEGUY, Ana Carolina. **Cartografias dos estudos culturais: uma versão latino-americana**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- FEATHERSTONE, Mike (Org.). **Cultura global: nacionalismo, globalização e modernidade**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1995.
- _____. **O Desmanche da cultura: globalização, pós-modernismo e identidade**. São Paulo: Studio Nobel/Sesc, 1997.
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 7. ed. São Paulo: Loyola, 1996.
- GARCÍA CANCLINI, Néstor. **Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1999.
- HALL, Stuart. Quem precisa de identidade?. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.
- _____. **A Identidade cultural na pós-modernidade**. 5. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- LYOTARD, Jean-François. **A Condição pós-moderna**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2202.
- MARTIN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2001.
- WILLIAMS, Raymond. **Cultura**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação**. Lisboa: Presença, 1994.
- YÚDICE, George. Postmodernism and transnational capitalism in Latin America. **Revista Brasileira de Literatura Comparada**, Niterói,RJ, v.1, p. 87-101, 1991.

² Entre as teorias que se propõem a esta análise estão a *Abordagem Empírico-Experimental* e a *Abordagem Empírica de Campo*. Creio que a primeira, ao privilegiar os *mass media* em situação de campanha (eleitoral, publicitária, informativa), nem possa ser considerada uma teoria da comunicação, visto que reduz o fenômeno comunicativo a um setor específico. As propostas analíticas continuaram pelas décadas seguintes. Nos anos 1940, surge a **Teoria da Informação**, cujo foco era apenas a eficácia dos meios, ou seja, se a mensagem saía do transmissor e chegasse ao receptor em perfeito estado, o processo da comunicação estava estabelecido. No mesmo período, os estudos sobre os meios de comunicação conheceriam uma radical ruptura com o surgimento da Escola de Frankfurt, que, ao contrário de todo processo investigativo sobre os *mass media* até então desenvolvidos, preocupava-se com a influência ideológica que as mensagens dos meios eram capazes de suscitar. (WOLF, 1994).

³ Raymond Williams postula três definições para conceituar a cultura: a primeira delas diz respeito a "(1) um *estado mental desenvolvido* - como em 'pessoa culta', 'pessoa de cultura', passando por (2) *os processos desse desenvolvimento* - como em 'interesses culturais', 'atividades culturais', até (3) *os meios desses processos* - como em cultura considerada como 'artes' e o 'trabalho intelectual do homem'. É dentro dessa última perspectiva que este trabalho encontra seu ponto de apoio. (WILLIAMS, 1992).

⁴ Exemplos sobre essa questão não faltam: a eterna luta entre palestinos e judeus, no Oriente Médio; o conflito entre protestantes e católicos, na Irlanda do Norte; as incontáveis guerras civis que até hoje permanecem inflamadas no continente africano.

⁵ Partindo desse princípio, o autor enumera três procedimentos de exclusão: interdição, relacionados à sexualidade e à política; separação/rejeição, ligado ao antagonismo entre razão e loucura; e o terceiro seria a oposição entre verdadeiro e falso, ou seja, a verdade desloca-se da enunciação para o enunciado, não importando o que se faz e sim o que se diz. (FOUCAULT, 1996).